

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Campus São Paulo**

YOLANDA APARECIDA DE SOUZA SANTANA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: HISTÓRIA, PERFIL E
REFLEXÕES**

**SÃO PAULO
2015**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Campus São Paulo**

YOLANDA APARECIDA DE SOUZA SANTANA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: HISTÓRIA, PERFIL E
REFLEXÕES**

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação, Especialização *Lato Sensu*, em Educação Profissional Integrada à Educação Básica com a Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo – IFSP, Campus São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção de certificado de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Rovani de Andrade

**SÃO PAULO
2015**

Dedico este trabalho aos meus filhos Mariana e João Marcelo, pois são a razão das minhas lutas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço em especial aos meus alunos da EJA.

À Secretaria de Educação Municipal de Salto pelas informações concedidas.

À Anna de Lourdes Meireles da Cruz, diretora da Unidade CEMUS IX Profa. Maria de Lourdes Guarda, pois esteve sempre à disposição, auxiliando em diversos momentos.

Ao Professor Laerte Moreira pelas orientações no decorrer do curso.

Ao Professor Flávio Rovani de Andrade, pela orientação na finalização do trabalho.

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho aborda a evasão escolar e suas consequências na Educação de Jovens e Adultos. O objetivo principal do trabalho é refletir acerca da importância da capacitação de professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos, a fim de que sejam encontrados meios que amenizem o índice de alunos evadidos, visando efetivar o processo ensino-aprendizagem, e nesse sentido, mobilizar também a comunidade escolar. A metodologia utilizada é baseada nos ensinamentos de Paulo Freire, que é referência na educação de Jovens e Adultos, e relaciona a educação ao cotidiano do trabalhador, criando maneiras para que o mesmo conheça sua realidade para formá-lo de modo crítico e atuante na vida social e política. A estratégia utilizada para a realização deste trabalho foi bibliográfica, buscando informações em livros, revista e na internet e de campo, por meio de entrevistas com alunos e professores. A primeira parte do trabalho traça-se um breve histórico da Educação de Jovens e Adultos. A segunda parte discorre sobre o perfil dos estudantes do EJA. A terceira e última parte aborda as transformações pelas quais a escola vem passando, destacando também qual deve ser a formação dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Evasão; Formação de professores.

ABSTRACT

This paper addresses the truancy and its consequences in the Youth and Adult Education. The main objective is to reflect on the importance of teacher training to work in the Youth and Adult Education, so that means be found to mitigate the rate of dropout students, aiming to carry out the teaching-learning process, and in that sense, also mobilize the school community. The methodology used is based on the teachings of Paulo Freire, which is a reference in youth and adult education, and education related to the worker's daily life, creating ways for it to meet its reality to form it in a critical and active way in the life social and political. The strategy for this work was literature, looking for information in books, magazines and on the internet and field, through interviews with students and teachers. The first part of the study provides a brief history of the Youth and Adult Education. The second part discusses the profile of the students of the EJA. The third and final part deals with the transformations that the school has experienced, also highlighting what should be the training of teachers who work in the Youth and Adult Education.

Keywords: Education for Youth and Adults; Evasion; Teacher training.

SUMÁRIO

LISTAS DE SIGLAS E DE TABELAS.....	9
1. INTRODUÇÃO	10
1.1. Objetivo Geral	11
1.2. Objetivos Específicos.....	11
1.3. Metodologia da Pesquisa.....	12
2. Educação de Jovens e Adultos: O início	13
3. PERFIL DE EJA – DADOS E REFLEXÕES.....	18
3.1. Quem é o aluno da EJA?	18
3.2. A escola de perto	20
3.3. Perfil dos professores da escola	23
4. PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	25
4.1. Formação dos profissionais que atuam na Educação de Jovens e Adultos	25
4.2. Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos.....	27
4.3. O professor e sua formação.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXO.....	34
APÊNDICES.....	35

LISTA DE SIGLAS

- CEAA**- Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
EJA- Educação de Jovens e Adultos
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC – Ministério da Educação
MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização
SESI- Serviço Social da Indústria
UNE – União Nacional dos Estudantes
UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE TABELAS

- 1- Alunos matriculados/frequência, Cemus IX, Professora Maria de Lourdes Guarda, ano 2013 21
2- Faixa etária dos estudantes da EJA da Escola Cemus IX, Professora Maria de Lourdes Guarda 22
3- O que mudaria na escola, Cemus IX, Professora Maria de Lourdes Guarda .. 24

1-INTRODUÇÃO

Precisa-se refletir sobre as causas que levam os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a se evadirem da escola, sem esquecer os fatores sociais e econômicos, dessa clientela.

O aluno procura a escola com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e alcançar melhores condições para o trabalho, então é necessário obter informações sobre as causas e consequências da evasão escolar.

O que faz com que tantas pessoas que frequentam a EJA não consigam concluir os estudos? De acordo com pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na área da educação de jovens e adultos, menos da metade dos alunos que se matriculam em cursos da EJA conseguem chegar ao final do curso. Os fatores são muitos e é sobre eles que este trabalho discorre.

O ensino brasileiro tem passado por um processo de transição, buscando novas ideias pedagógicas para acabar com o analfabetismo no país. Apesar disso, a evasão vem aumentando cada vez mais na Educação de Jovens e Adultos. Existem vários fatores que interferem na permanência do aluno na escola: professores sem qualificação profissional para trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos; baixa autoestima do aluno; horário de trabalho; o cansaço físico, etc.

Os alunos que frequentam as salas de aula da EJA merecem considerações cuidadosas. Nela, estão jovens, adultos e idosos com muitas experiências de vida, que já trazem consigo uma grande bagagem cultural e que, por isso, necessitam de uma escola preparada especialmente para eles.

O objetivo principal do trabalho é mostrar a importância da capacitação de professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos, para que sejam encontrados meios que amenizem o índice de alunos evadidos na Educação de Jovens e Adultos, de modo que aqueles que ingressam na EJA possam encontrar estímulos para que permaneçam até o final do curso no qual iniciaram, não se evadindo.

O trabalho está dividido em três etapas que abordam questões referentes à Educação de Jovens e Adultos. A primeira delas traz um breve histórico da Educação de Jovens e Adultos, desde o seu surgimento até os dias atuais. A

segunda aborda o perfil dos estudantes atendidos na Educação de Jovens e Adultos, buscando compreender por que muitos alunos se evadem outros não. Buscará também destacar os conflitos entre gerações, que, possivelmente seja uma das causas que contribuem para a evasão escolar. Ainda nesta etapa foi realizada uma pesquisa com estudantes da Educação de Jovens e Adultos de uma escola da cidade de Salto, a qual atende o Ensino Fundamental. O Centro de Educação Municipal de Salto Unidade IX, Professora Maria de Lourdes Guarda atende alunos da EJA de 1ª a 4ª série e de 5ª a 8ª série. A escola está localizada em um bairro periférico da cidade. A terceira e última etapa do trabalho destaca as metodologias utilizadas pelos professores da Educação de Jovens e Adultos e a forma com que essas metodologias afetam a vida dos estudantes. A metodologia é voltada ao aluno permitindo que ele construa seu aprendizado, tendo o professor apenas como um orientador que o faça relacionar sua vivência ao que aprende. Nessa etapa ainda serão citadas as diversas transformações pelas quais a escola vem passando, o avanço das tecnologias e no que isso contribui no processo de ensino aprendizagem.

Faz-se necessário compreender que a Educação de Jovens e Adultos deve se voltar para a formação dos estudantes, mas que deve fazer sentido para ele, relacionando escola, vida e trabalho.

O analfabetismo tem sido motivo de muita discussão a respeito da educação. É muito importante analisar com muita atenção os alunos que frequentam a escola, pois os jovens e os adultos possuem toda uma história que os levam para fora da escola e depois retornam.

O educador ao saber das dificuldades dos seus alunos da Educação de Jovens e Adultos deve possibilitar seu interesse em aprender, mostrando uma verdadeira aprendizagem.

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, por meio de leituras de livros, artigos, publicações, textos complementares, etc., bem como incursões em campo.

Como professora dessa escola, onde a pesquisa foi realizada, há mais de 10 anos, acompanho os alunos, a evolução do ensino e a forma de conduzir a aprendizagem diferenciada aos alunos fora da idade escolar, suas barreiras enfrentadas para chegar à escola e o preconceito de seus próximos ao retornar ao ambiente escolar. *(Depoimento da autora)*

Espera-se que o trabalho possa contribuir para que a Educação de Jovens e Adultos seja vista como uma forma de fazer com que pessoas que, de certo modo, se encontram excluídos, voltem a ter novas oportunidades. Que a escola que atende jovens e adultos procure se organizar de modo atender as reais necessidades dos educandos que recebe. Ou seja, a escola precisa fazer sentido na vida das pessoas que a buscam como um dos únicos caminhos para a efetiva participação na sociedade na qual estão inseridas. Quando se afirma que a escola precisa fazer sentido na vida dos estudantes que a frequentam, busca-se fazer compreender que os jovens e adultos frequentadores da EJA já possuem um amplo repertório cultural experiências de vida que podem ser à base de toda a construção do conhecimento em sala de aula. Quando os professores partem deste princípio, certamente estarão dando significados reais ao aprendizado na escola.

Desta forma, competem aqui alguns questionamentos:

- 1- De que maneira a Educação de Jovens e adultos vem acontecendo no decorrer dos anos no Brasil?
- 2- Como são os alunos e os professores da Educação de Jovens e Adultos?
- 3- Como as mudanças educacionais, a formação e práticas dos docentes podem colaborar para a Educação de Jovens e adultos?

Por tudo isso, percebe-se a necessidade de se verificar e refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos, seu público, docentes e suas práticas.

1.1 Objetivo Geral

Verificar o contexto histórico na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, o perfil do alunado da EJA e ainda mostrar a importância da capacitação de professores para atuar neste segmento educacional como possível forma de amenizar a evasão.

1.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos serão organizados da seguinte maneira:

- 1- Verificar alguns aspectos do contexto histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

- 2- Perceber algumas características do alunado e corpo docente da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e possíveis causas de evasão.
- 3- Identificar algumas práticas adotadas pelos professores deste segmento educacional (EJA) e sua repercussão nesta modalidade de ensino.

1.3 Metodologia da pesquisa

Para efetivação deste trabalho foi utilizado a pesquisa qualitativa, bibliográfica, por meio de livros, artigos, publicações da internet.

Também foi usado a investigação, a pesquisa qualitativa exploratória, usando como instrumento de coletas de dados, questionários aos alunos e professores da Escola Municipal Cemus IX (Centro de Educação Municipal Unidade IX) Professora Maria de Lourdes Guarda.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1. Educação de Jovens e Adultos: o início

Na história da educação no Brasil Paiva (1987) afirma que a Educação De Jovens E Adultos data do início de 1549, a partir da chegada dos primeiros representantes da Companhia de Jesus no país.

A educação era voltada para os filhos dos nativos que aqui viviam e estes, transmitiam os seus ensinamentos aos seus pais. Transmitem-lhes não somente o idioma dos portugueses, como também seus costumes e também os principais princípios da religião cristã católica. Afirma ainda o referido autor que com o passar dos anos a educação voltada para os adultos consistia em educação catequizadora, além do ensino do uso e manuseio de ferramentas para serem utilizadas na agricultura. Quase nada se ensinava referente à leitura e à escrita.

Pilleti (1996) afirma que a expulsão dos jesuítas das colônias se deu devido as divergências de objetivos. Enquanto educação jesuítica buscava formar e doutrinar para a fé, o marquês de Pombal, então primeiro ministro de Portugal, pensava em construir escolas que ajudassem a reerguer Portugal, ou seja, seus fins eram políticos, a educação deveria servir aos interesses do Estado e não da Igreja.

O Marquês de Pombal, influenciado pelas ideias iluministas que transformavam a Europa do século XVIII, que modificavam a administração e a economia de seus Estados. Foi eleito pelo rei D. José I como ministro e aplicou no Brasil e em Portugal, que sofriam de deficiência econômica, uma boa parte dessas modificações e para fazê-las utilizou-se do autoritarismo, sua estratégia não foi bem aceita pela nobreza e nem pelo clero lusitano, sendo chamado de reformador e autoritário, voluntarista e despótico e de tirano esclarecido. Nessa época Portugal competia com a Inglaterra, que na época possuía artigos manufaturados e lucrava com os produtos coloniais portugueses, então se fazia necessário educar para que Portugal deixasse de ter uma política colonial para conquistar o capital necessário para sua passagem da etapa mercantil para a industrial.

Em resumo, o sistema pombalino não foi bom para a educação no Brasil, o sistema jesuíta foi destruído e nada foi criado em substituição do mesmo, embora a

metodologia utilizada na época pelos professores ainda sofria a influência do modelo jesuítico.

A partir do século XIX, com a chegada de toda a família real e sua comitiva ao Brasil, depois de ser forçado a partir de Portugal devido as pressões da tropa de Napoleão Bonaparte e de ser pressionado pela Inglaterra, D. João VI desembarca em território brasileiro. Com isso, a educação formal obteve um grande avanço, pois era preciso atender as necessidades da aristocracia que acompanhava o rei em sua nova empreitada. Assim, houve a organização de um sistema educacional que atendesse a essa comitiva. Ainda não era um ensino destinado a todos, mas já era um começo, uma vez que ainda não havia se investido tanto em educação até então.

Paiva (1987) afirma que foram criados diversos cursos para atender as elites, dentre eles: Medicina, Agricultura, Economia Política, Química e Botânica. Porém não se criou quase nada que estivesse voltado para a educação elementar, aquela destinada às classes menos favorecidas. De acordo com a autora acima mencionada, existiram dois projetos que foram importantes para a implementação de uma escola para todos. O primeiro projeto data de 1851 e é de autoria de Couto Ferraz e o outro data de 1878, sendo de autoria de Leôncio Carvalho. Nas palavras da autora:

A reforma apresentada pelo dep. Luiz Pereira de Couto Ferraz só logrou ser regulamentada três anos depois. O Regulamento de 1854 (fevereiro) estabelecia que as escolas públicas de ensino primário, com acesso vedado aos escravos, deveriam ser divididas em duas classes (escolas do primeiro e do segundo grau) e que toda a educação estaria a cargo dos cofres públicos, que deveria fornecer inclusive livros e outros objetos necessários ao ensino, devendo existir também classes para adultos. [...] A reforma de Leôncio de Carvalho (cuja discussão deu origem ao celebre parecer-projeto de Rui Barbosa em 1882), apresentada em 1878 e transformada em lei por decreto em abril de 1879 insistia na obrigatoriedade do ensino: “a educação é pois ainda para o Estado uma questão de defesa pessoal”, afirmava seu promotor. [...] Preconizava a criação de escolas normais para evitar a improvisação de professores, estabelecendo ainda que o Governo Central deveria criar ou auxiliar escolas normais nas províncias, bem como cursos para o ensino primário de adultos analfabetos. Preconizava ainda a promoção de conferências pedagógicas ou reuniões periódicas de professores para discutirem acerca dos melhores métodos e de todas as questões de interesse prático concernentes ao ensino. (PAIVA, 1987, p. 70).

Mesmo diante de projetos que, caso fossem postos em prática, seriam grandes avanços na educação do país daquela época, não foi desta vez que se considerou tudo o que constava no papel. Para Paiva (1987), pode-se afirmar que a partir da Primeira Guerra Mundial há uma maior preocupação com as questões referentes ao analfabetismo, considerando-se uma vergonha nacional um número tão grande de pessoas que não sabiam ler e escrever. Assim, inicia-se então uma campanha para a erradicação do analfabetismo no Brasil, buscando uma escola que atendesse a população e que tivesse qualidade. Menciona a referida autora que até 1950, praticamente metade da população brasileira ainda era analfabeto. Esse quadro fazia com muitos ficassem alienados dos fatos e acontecimentos da época.

Destaca ainda a autora que somente a partir de 1947 é que o governo brasileiro começa a dedicar-se com maior afinco ao atendimento dos jovens e adultos nas escolas, quando lança a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). Segundo Paiva:

A CEAA nasceu da regulamentação do FNEP e seu lançamento se fez em meio ao desejo de atender aos apelos da UNESCO em favor da educação popular. No plano interno, ela acenava com a possibilidade de preparar mão-de-obra alfabetizada nas cidades, de penetrar no campo e de integrar os imigrantes e seus descendentes nos Estados do Sul, além de constituir num instrumento para melhorar a situação do Brasil nas estatísticas mundiais de analfabetismo. (PAIVA, 1987, p. 178)

Considerando-se que a basicamente 50% da população brasileira com 15 anos ou mais era analfabeta, os resultados dessa campanha não podem ser considerados satisfatórios. Assim, surgem outros movimentos e campanhas em prol da alfabetização de adultos, dentre eles, de acordo com Stephanou e Bastos (2005) citam que surgiram então duas campanhas: a Campanha Nacional de Educação Rural, que foi criada em 1952 e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, em 1958. Estas campanhas também não obtiveram grandes resultados, ou seja, não conseguiram atingir o objetivo proposto. Dentre as diversas falhas das mesmas, àquelas que mais se destacaram foram relacionadas ao caráter do aprendizado, que se dava de modo superficial, sem considerar a clientela para a qual a educação era destinada, os adultos. Os recursos, materiais e estratégias utilizados não levavam em conta o aluno que recebia, o que fazia com que a escola e o aprendizado não fizessem sentido.

Os movimentos que mais tiveram bons resultados no que se refere à educação de jovens e adultos na década de 50 e 60 foram aqueles organizados pela sociedade civil e não os que tiveram iniciativa do governo. Muitos foram os educadores e intelectuais que se envolveram nesses movimentos. Quase todos os movimentos tinham como base de trabalho o método proposto pelo educador Paulo Freire. Paiva (1987) cita que dentre estes movimentos podem ser destacados o Movimento de Educação de Base, que foi estabelecido em 1961 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); o Movimento de Cultura Popular do Recife, que data de 1961; a Campanha de pé no chão se aprende a ler, que foi realizada pela Secretaria Municipal de Natal. A União Nacional dos Estudantes (UNE) também organizou campanhas de alfabetização de adultos nos Centros Populares de Cultura.

Em meio a essas campanhas para alfabetização surge Paulo Freire, que vem se destacando no processo de alfabetização para adultos, formando indivíduos críticos e politizados, mas com a chegada do Regime Militar (1964-1985), que entrou em vigor no Brasil, a sociedade passou a viver um período marcado pelo autoritarismo, a violência e a repressão. Isso também influenciou profundamente nas campanhas relacionadas à educação, uma vez que se aboliu a liberdade de expressão, o direito de criticar o Estado quando este não cumpria plenamente com as suas funções. Os militares se sentiram ameaçados com ensinamentos de Paulo Freire que foi exilado no Chile. Assim, durante todo esse período a educação ficou submetida ao controle militar. Há, nesse sentido, duas visões e ideologias sobre a educação: do ponto de vista dos grupos dominados, a educação passa a ser uma forma de conscientização e luta; do ponto de vista do grupo dominante, a educação passa a ser reprodutora das suas ideologias. Nesse sentido, é importante a compreensão de que “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 61).

Foi nesse cenário que surgiu o ensino supletivo, o qual foi instituído pela reforma do ensino de 1971. Também nesse ano surgiu a campanha Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). O principal objetivo do MOBRAL era a erradicação do analfabetismo no país, porém, mais uma vez os resultados obtidos não foram os esperados. A partir de 1985, o MOBRAL deixou de existir.

O que se percebe é que já foram muitas as tentativas de fazer com que todos aprendam a ler e escrever. Porém, quase sempre, as escolas que visam atingir este objetivo com os alunos que dela se evadiram e, para ela retornam tempos depois, não estão ainda preparadas para atender essa clientela. O que se percebe é que os conteúdos abordados na Educação de Jovens e Adultos, muitas vezes são desinteressantes para os alunos, na maioria pessoas mais velhas, pais e mães de famílias que abrem mão de muitas coisas para frequentar a escola, mas, quando não se sentem bem nesse ambiente, novamente acabam evadindo-se.

A partir de 1990 definiu-se, então, uma nova concepção da educação de jovens e adultos, tendo como base a Constituição Federal de 1988. Mesmo com esse novo olhar para a EJA, não foram todos os estados brasileiros que se mostraram preocupados e engajados na melhoria da educação popular.

De acordo com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2010), a Educação de Jovens e Adultos é um grande desafio para os sistemas educacionais públicos brasileiros. Como se afirma: “A oferta de EJA representa o resgate de uma dívida histórico-social para com os que não tiveram acesso à escolarização básica na idade própria ou para com os que, por algum motivo, não concluíram o ensino regular.” (São Paulo, 2010, p. 6).

A Proposta Curricular do Estado de São Paulo aborda a Educação de Jovens e Adultos de forma diferente das visões anteriores, porém se faz necessário afirmar que mesmo existindo esta nova abordagem, mesmo tendo uma visão diferente para esta modalidade de ensino, as práticas ainda permanecem iguais. Evidentemente existem escolas que buscam fazer com que os estudantes que frequentam a Educação de Jovens e Adultos tragam para a sala de aula os seus conhecimentos, aquilo que já aprenderam com a vida e, a partir do que trazem consigo as situações de aprendizagem são desenvolvidas.

É importante considerar o aluno que frequenta a EJA dentro de tudo que já domina. Muitos trazem grande bagagem cultural, experiências de vida que podem ser ricas ferramentas de trabalho para os educadores. Estes alunos têm um percurso de vida, durante muito tempo acumularam conhecimentos e, estes conhecimentos se utilizados pelos professores dentro da sala de aula serão de grande valia para que todos os demais conteúdos da grade curricular sejam compreendidos. Não se pode, quando se tem a clientela da educação de jovens e

adultos, atuar de forma desvinculada das suas vivências. Somente dessa forma será possível fazer com que os alunos, que em muitos casos, já ficaram por tanto tempo fora da escola, não voltem a desistir novamente.

3. PERFIL DE EJA – DADOS E REFLEXÕES

3.1 Quem é o aluno da EJA?

Em pesquisa divulgada pelo IBGE¹ no ano de 2007, cerca de 10.9 milhões de pessoas entre 15 anos ou mais frequentavam ou frequentaram algum curso da Educação de Jovens e Adultos. Desses somente 42% conseguiram concluir o curso no qual se matricularam. Assim, faz-se necessário buscar respostas para o seguinte questionamento: O que levou os estudantes a não conclusão do curso da EJA? Quais fatores são responsáveis pelo fracasso e evasão escolar?

A mesma pesquisa divulga que entre os principais fatores causadores do fracasso e, conseqüentemente, da evasão estão a incompatibilidade do horário das aulas com o horário de trabalho dos estudantes (27%); falta de interesse em realizar o curso (15,6%); incompatibilidade dos horários das aulas com os serviços domésticos (13,6%); dificuldade em compreender os conteúdos do curso (13,6%); inexistência de cursos de EJA próximo ao local onde residem (5,5%); inexistência e cursos de EJA próximo ao local de trabalho (1,1%); falta de vagas (0,7%) e outros motivos não revelados (22,0%).

O estudo do IBGE também revela que 47% dos estudantes declaram voltar porque querem retomar os estudos. Já para 19,4% a volta à escola é justificada pela busca de melhores oportunidades de trabalho. Para 17,5% a procura pela EJA está relacionada com a possibilidade de adiantar os estudos, uma vez que se conclui mais rápido cada ano letivo. Outros 13,7% justificaram que sonham em ter um diploma, por isso retornaram à escola.

O que se percebe é que os estudantes que ficaram muito tempo sem estudar e resolvem voltar à escola, e são muitas as razões que os levaram a tomar tal atitude. Dentre elas podem ser destacadas: busca de novas oportunidades do mercado de trabalho; exigências das empresas nas quais já trabalham; acompanhar os filhos nas tarefas de casa. Ou seja, cada aluno tem as suas razões e busca na escola uma oportunidade para alcançar os seus objetivos.

Cita a Proposta Curricular do Estado de São Paulo que:

A maior parte dos que procuram a EJA é constituída por aqueles que, em razão da desigualdade, não tiveram acesso aos bens

¹ As informações foram retiradas do site do IBGE
<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1375> Acesso 04/06/2013

educacionais. Reparar essa dívida constitui uma das metas do sistema estadual, que reconhece o direito de todos à educação escolar de qualidade. Nesse sentido, destaca-se o princípio constitucional da educação para todos, inclusiva, significando um caminho para o desenvolvimento de todas as pessoas, em todas as idades, sem discriminar negativamente os indivíduos nem prejudicar o processo de apropriação de conhecimentos. (SÃO PAULO, 2010, p. 6)

Na concepção de Cavalcante (2005), dentre os fatores que contribuem para o distanciamento dessas pessoas com a escola estão: “pais analfabetos ou machistas, necessidade de trabalhar, inexistência de escolas, paternidade e maternidade precoces e falta de dinheiro, transporte, comida e oportunidades” (CAVALCANTE, 2005, p. 50).

Para estes alunos, a volta à escola depois de tanto tempo longe dela, representa muitas coisas, dentre elas a inserção no mundo cada vez mais informatizado, a possibilidade de conseguir um emprego melhor e também a elevação da autoestima.

De acordo com o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI:

Mas a educação ao longo de toda a vida, no sentido em que a entende a Comissão, vai mais longe ainda. Deve fazer com que cada indivíduo saiba conduzir o seu destino, num mundo onde a rapidez das mudanças se conjuga com o fenômeno da globalização para modificar a relação que homens e mulheres mantêm com o espaço e o tempo. [...] a educação ao longo de toda a vida torna-se assim, para nós, o meio de chegar a um equilíbrio mais perfeito entre trabalho e aprendizado bem como ao exercício de uma cidadania ativa. (UNESCO, 2006, p. 105)

Entende-se que a escola é o espaço que pode fazer a diferença na vida das pessoas, especialmente daquelas pessoas que, por inúmeras razões a ela não tiveram acesso ou fracassaram. Portanto, o Estado ou Município devem apoiar a instituição escolar no intuito de buscar soluções para que os jovens atendidos não acabem por abandonar os cursos que iniciam com tantas expectativas, buscando realizar tantos sonhos e projetos deixados para trás.

3.2 Educação de Jovens e Adultos: a escola de perto

Buscando conhecer melhor quem são os alunos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos, realizou-se uma pesquisa com estudantes do Centro de Educação Municipal de Salto – CEMUS IX Professora Maria de Lourdes Guarda. A escola está localizada em um bairro periférico da cidade de Salto, no interior do Estado de São Paulo.

Inicialmente realizou-se uma pesquisa junto à secretaria da escola, questionando-se o número de alunos matriculados em cada série e o número de alunos que frequentam a série na qual efetuaram a matrícula no ano de 2013. A tabela abaixo mostra as respostas para tal questionamento:

TABELA 1 - Alunos matriculados / frequência

SÉRIE	ALUNOS MATRICULADOS	ALUNOS FREQUENTANDO	ALUNOS FREQUENTANDO (%)	ALUNOS EVADIDOS	ALUNOS EVADIDOS (%)
1ª e 2ª	15	10	66	05	34
3ª e 4ª	15	12	80	03	20
5ª	26	5	19	21	81
6ª	23	8	34,8	15	65,2
7ª	40	14	35	26	65
8ª A	29	17	58,6	12	41,4
8ª B	28	11	39	17	64

Fonte: Secretaria do CEMUS IX Prefeitura Municipal da Estância Turística de Salto

O que se observa a partir da análise dos dados acima é que na maioria das séries o número de alunos que frequentam a série na qual foram matriculados é demasiadamente inferior ao número de matrículas. Ou seja, o índice de evasão é em muitos casos maior do que o número de estudantes que permanecem até o final do curso.

Ressalta-se na tabela acima, a grande presença da maioria dos alunos de 1ª a 4ª série, nota-se que esse público tem idade mais avançada e que não sabe ler ou escrever e também não tem conhecimentos das operações matemáticas básicas. Essas aulas são ministradas por apenas um professor, que os acompanha o ano

todo. Supõe-se que esse conjunto de fatores é que mantém o aluno em sala de aula, e uma vez atingidos os objetivos, há a evasão escolar.

Em contrapartida, no início da 5ª série os alunos mais novos, a partir de 15 anos, podem frequentar a EJA juntamente com os mais velhos, é nesse momento, com essa nova realidade, classes heterogêneas e a professores por matéria, que há um número significativo de desistência dos alunos, tanto os mais novos quanto os mais velhos.

Alguns desses alunos retornam futuramente, entre um a cinco anos mais tarde, por motivos variados. Gravidez e trabalho, são os principais motivos mais comuns analisados pelos alunos que regressam.

Em seguida realizou-se pesquisa com os alunos para que fosse possível conhecer melhor o perfil dos estudantes, suas expectativas em relação à escola que frequentam como estes estudantes veem esta escola, o que esperam dela.

Segundo Freire, 1987 “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.”

A faixa etária dos estudantes está entre 15 e 59 anos. A tabela abaixo mostra o número de alunos e suas respectivas idades:

TABELA 2 - Faixa etária dos estudantes da EJA da Escola CEMUS IX
Professora Maria de Lourdes Guarda

IDADE	NÚMERO DE ALUNOS
15 a 19	13
20 a 29	08
30 a 39	14
40 a 49	11
50 a 59	5

Fonte: Elaborada pela autora

O que se percebe é que não há uma faixa etária específica para cada série, estando estas idades distribuídas em todas as séries. Assim, em muitas salas de aula da EJA é comum encontrarmos alunos de 15 anos e alunos de 50 anos. Essa grande diferença de idade tem sido uma das causas de reclamações de muitos

estudantes, uma vez que as pessoas mais velhas, mais centradas nos estudos, não aceitam as brincadeiras e indisciplinas comuns aos adolescentes.

Foram questionados 51 estudantes que estão distribuídos nas séries 1ª e 2ª (polivalente), 3ª e 4ª (polivalente), 5ª, 6ª, 7ª, 8ª. Destes 51% são do sexo masculino e 49% do sexo feminino. Quanto ao estado civil dos estudantes, 49% são casados, 17% divorciados e 44% são solteiros. Dentre os estudantes 61% afirmaram ter filhos, sendo que destes o número de filhos varia de 1 a 5 filhos. Todos os estudantes entrevistados moram no bairro no qual a escola se localiza ou em bairros circunvizinhos. (Apêndice 1)

Dos estudantes entrevistados 43% afirmaram estar trabalhando com carteira assinada, 24% afirmaram trabalhar sem registro em carteira e 33% disseram estar desempregados. Dentre os que afirmaram trabalhar 15% têm remuneração inferior a um salário mínimo, 29% recebem um salário mínimo, 38% afirmaram receber dois salários mínimos, 6% recebem três salários mínimos e 12% afirmam receber mais de três salários mínimos.

Já no que se refere à jornada semanal de trabalho 29% afirmaram trabalhar mais de 40 horas semanais e 71% afirmaram trabalhar apenas 40 horas semanais.

Quando questionados por quais razões pararam de estudar as respostas dos estudantes foram variadas: para trabalhar, mudança de cidade, problemas pessoais, falta de interesse, horário de trabalho e escola coincidentes, por preguiça, porque não passava de ano, porque casou cedo o cônjuge não deixou mais estudar, para ajudar na renda familiar, morava longe da escola, por não ter oportunidades, porque teve filhos.

Já as razões pelas quais os alunos retornaram à escola estão relacionadas às melhores oportunidades de trabalho e também ao ingresso no mercado de trabalho.

Quando questionados sobre o que mais gostam na escola em que estudam os alunos afirmaram que gostam muito da convivência com os colegas e também de alguns professores. Sobre o que não gostam na escola, muitos (especialmente os mais velhos) disseram não gostar de alunos que não querem nada e atrapalham a aula.

Quando interrogados sobre o que modificariam na escola os alunos relataram que colocariam mais lazer, pisos nas salas de aula, mais livros na biblioteca e alguns não modificariam nada. Conforme informa a tabela abaixo:

TABELA 03- O que mudaria na escola Cemus IX, Professora Maria de Lourdes Guarda

O QUE MUDARIA NA ESCOLA	%
Mais atividades de lazer	30%
Pisos nas salas de aula	5%
Mais livros na biblioteca	15%
Não mudaria nada	7%

Fonte: Elaborada pela autora

O que se percebe através da análise de todas estas informações é que a maior parte dos estudantes da EJA da Escola Maria de Lourdes Guarda está de volta à escola na busca por melhores oportunidades de trabalho, porém, muitas vezes o ambiente escolar não os atrai e muitos acabam desistindo, não finalizam o curso. As razões para a evasão e desistência são muitas, mas ainda prevalece a falta de material adequado, pois alguns professores precisam utilizar o material didático das crianças para aplicar na educação dos jovens e adultos e também a realidade escolar que não é condizente com a realidade dos estudantes que atende, como por exemplo, carteiras pequenas, os livros da biblioteca e os programas da sala de informática são todos para as crianças, pois a escola em questão atende o ensino infantil e a educação fundamental de 1ª a 4ª séries.

Segundo Paulo Freire:

“É incrível que não imaginemos a significação do ‘discurso’ formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso ‘pronunciado’ na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.” (FREIRE, 1996, p.50)

3.3 Educação de Jovens e Adultos: perfil dos professores da escola

Em pesquisa realizada através de questionários aplicados aos alunos com o quadro de professores da escola o que se mostra é que nem todos os professores que atuam na EJA possuem formação específica para lecionar para tal modalidade. São oito os professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos da escola Professora Maria de Lourdes Guarda e destes, metade possui formação em

Pedagogia, estando habilitado apenas para lecionar nas séries iniciais do ensino fundamental e na educação infantil.

Os professores que possuem formação específica para as disciplinas nas quais lecionam são das seguintes disciplinas: Português, Inglês, Matemática e Geografia. A professora responsável pelas disciplinas de História e Ciências é formada apenas em Pedagogia. A professora que leciona Artes é formada em Pedagogia. Outra professora que possui formação em Pedagogia e Publicidade e Propaganda leciona diversas disciplinas na EJA.

Quanta à faixa etária dos professores a maioria está entre na faixa etária dos 40 anos. De todos os professores entrevistados apenas um possui apenas um cargo. Os outros acumulam cargo ou em outro município ou na rede estadual. Dos professores que atuam em dois cargos, todos afirmaram que a sua carga horária semanal é de 58 a 60 horas semanais.

Quando questionados sobre os fatores que mais dificultam o seu trabalho com os alunos da EJA, os mesmos citaram: alunos com dificuldades de aprendizagem, falta de interesse dos alunos, alunos faltosos, indisciplina. O fator que foi citado por todos os professores foi alunos faltosos. (Apêndice 2)

Quando questionados sobre a frequência com que realizam cursos de capacitação e aperfeiçoamento profissional, 60% dos professores afirmaram que apenas anualmente. Os outros 40% afirmaram que estão sempre realizando cursos. Dentre os professores entrevistados apenas 1 é do sexo masculino, prevalecendo mulheres no quadro de professores da escola. De todos os professores entrevistados, apenas metade faz parte do quadro de professores especializados para a Educação de Jovens e Adultos. Ou seja, metade dos professores que atuam na EJA nesta escola não possuem formação específica para ocupar tal cargo, estando apenas com aulas suplementares.

O que se percebe é que são muitos os fatores que levam os estudantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos a evadirem-se do curso. No decorrer do tempo, muitas modificações têm sido feitas no currículo a fim de que o ensino ministrado na EJA seja mais significativo para a sua clientela. Dentre os avanços nesta área estão as constantes capacitações para os professores que atuam nesta modalidade, além de um planejamento mais contextualizado, de acordo com a realidade de cada instituição.

4. PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – APONTANDO POSSIBILIDADES

4.1 Formação dos profissionais que atuam na Educação de Jovens e Adultos

De acordo com Vichessi e Diniz (2009) para que os estudantes de EJA desenvolvam bem as habilidades leitora e escritora, faz-se importante que sejam respeitadas algumas especificidades. Como se afirma:

O processo de alfabetização das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) está ancorado em práticas indispensáveis de leitura e de escrita que também são desenvolvidas com as crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental. Isso não quer dizer que o professor vá trabalhar lançando mão dos mesmos materiais e estratégias com públicos tão distintos. Não faz sentido. Esse é, inclusive, um dos motivos que levam os mais velhos a fracassar e abandonar a escola. (VICHESSI & DINIZ, 2009, p. 74)

Sabe-se que muitos são os estudantes de EJA que abandonam a escola porque os métodos que muitos dos professores que atuam nesta modalidade são inadequados para a faixa etária dos mesmos. As autoras acima mencionadas dizem que embora o Ministério da Educação (MEC) tenha muitos materiais disponíveis para essa modalidade educacional os professores ainda utilizam-se, muitas vezes, dos mesmos materiais que usam com as crianças. Afirmam que isso muitas vezes acontece porque não há muito investimento na formação de professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos, pois “a maioria das faculdades de Pedagogia negligencia o EJA e não prepara os educadores para lidar com especificidades da modalidade.” (VICHESSI & DINIZ, 2009, p. 74).

De acordo com uma pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas o tema EJA é abordado somente em 1,5% das disciplinas dos cursos de Pedagogia no país.

O que se sabe é que os alunos da EJA não são mais crianças e, portanto, não podem ser tratados como tal na abordagem dos conteúdos em sala de aula. Possuem experiências de vida, saberes, conhecimentos que devem ser levados em conta dentro da instituição escolar.

As estratégias adotadas pelos professores nas salas de EJA são ferramentas essenciais para que os estudantes continuem frequentando a escola. O discurso do educador também contribui para o avanço dos alunos. Sendo assim, faz-se importante explicar para os estudantes o porquê de determinadas posturas, quais os

caminhos que serão percorridos diante deste ou daquele conteúdo que será abordado.

Muitos dos estudantes que voltam à escola têm uma imagem diferente da escola e, dependendo das estratégias utilizadas pelos professores, os mesmos estranham, achando que os conteúdos abordados não fazem parte do que a escola deve ensinar, como cita Cavalcante:

O modelo que a maioria guarda na memória é, de salas com carteiras enfileiradas, quadro-negro, giz, livro, caderno e um professor – que fala o tempo todo e passa tarefas. Muitos alunos, ao participar DCE debates, estudos do meio, apresentação de vídeo ou dinâmicas de grupo, ficam com a sensação de que estão sendo “enrolados”. (CAVALCANTE, 2005, p. 53)

É importante, portanto, considerar a vida do sujeito que frequenta a EJA, propor atividades que considerem o seu aprendizado na vida. Como se afirma na Proposta Curricular do Estado de São Paulo, que ressalta a importância de que as aulas sejam elaboradas:

Para jovens e adultos aproveitarem o que aprenderam na vida prática, trabalhando com aspectos básicos da vida cidadã, como a tomada de decisões, a identificação e a resolução de problemas, a descrição de propostas e comparação ente ideias expressas por escrito, considerando valores e direitos humanos. (SÃO PAULO, 2010, p. 8)

Para Cavalcante (2005) uma das melhores maneiras de fazer com que os alunos da EJA não desanimem e permaneçam na escola é fazer com que as aulas sejam atraentes para os mesmos. Como afirma:

Misturar as disciplinas – já que no mundo elas não estão separadas- integrar os alunos na vida escolar e usar a experiência deles em sala de aula. Essas são algumas das chaves para você abrir as portas da escola àqueles que demoraram tanto para chegar até ela. (CAVALCANTE, 2005, p. 50)

Cada um dos alunos que vêm para a escola, que retornam para ela após muitos anos e até mesmo décadas distanciados dela, têm uma história, têm muita coisa para contar, para acrescentar ao grupo no qual se insere dentro da instituição escolar. Quando as pessoas que atuam na escola conseguem estabelecer um vínculo afetivo com estes estudantes, a escola deixa de ser um espaço alheio, que muitas vezes é visto com receio, medo do desconhecido e da não aceitação. Passa

a ser um lugar de encontro, de aprendizado e de novas descobertas. Como se afirma:

Deste modo, o educador problematizador refaz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico também. (FREIRE, 2002, p. 69)

Somente a partir de uma proposta educacional que considere toda a bagagem que os alunos da EJA já trazem consigo, será possível combater o fracasso escolar, a repetência e a evasão. Infelizmente não há contato com os alunos que deixaram a escola e não retornaram.

4.2 Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos

Dentre os programas que são parceiros do governo na luta da erradicação do analfabetismo pode ser citado o trabalho desenvolvido pelo Serviço Social da Indústria (SESI). Desde o ano de 2003 o SESI desenvolve o projeto SESI por um Brasil Alfabetizado e desde então já foram alfabetizadas mais de 600 mil pessoas. Esse é um projeto de parceria entre o SESI e o governo federal, como afirma Cavalcante (2005, p. 53):

Enquanto o governo federal capacita e paga os alfabetizadores, o SESI fornece o material didático e capacita e paga os supervisores. [...] seguindo a linha do educador Paulo Freire 1921-1997), o projeto alfabetiza com base em temas geradores, fazendo a ligação dos conteúdos escolares com a vida dos estudantes.

Quando a escola é preparada para atender as reais necessidades dos alunos, ela poderá ser considerada um ambiente acolhedor, no qual o aluno perceba uma extensão daquilo que vivencia no seu cotidiano.

Existem quatro pilares da educação que foram definidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) (2006), os quais, se postos em prática nas instituições escolares serão a diferença entre uma escola

que prepara para a vida e uma escola que foge desse objetivo, ou seja, uma escola sem sentido para a vida do estudante.

Conforme se afirma:

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os conhecimentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. (UNESCO, 2006, p. 90-91)

Sabe-se que são muitos os obstáculos encontrados por professores e alunos na busca por uma escola melhor, mas não é utopia querer que a escola seja adequada às necessidades dos alunos que atende.

De acordo com a UNESCO (2006) na educação para adultos, são mais atraentes os cursos que apresentam a aquisição de competências úteis às funções que exercem, como aqueles relacionados à agricultura, ao artesanato ou a outras atividades que exercem dependendo do contexto social no qual estão inseridos.

4.3 O professor e a sua formação

É de suma importância que os docentes que atuam na Educação de Jovens e Adultos, além das exigências de formação para qualquer professor, tenham também um preparo para lidar com as necessidades de seus alunos, que considerem as características e a realidade da EJA. Ou seja, é necessário que conteúdos pedagógicos e as vivências dos alunos estejam relacionados. Fazer uso da riqueza cultural trazida pelos alunos e com ela enriquecer os componentes curriculares, é uma das melhores maneiras de fazer com que a escola seja um ambiente acolhedor e significativo para os alunos da EJA.

Além da graduação para atuar na sua área específica, os professores devem também possuir formação que lhes possibilitem perceber que o aluno que volta à escola depois de muitos anos de fracasso escolar, não pode, de forma alguma ser considerado da mesma maneira que os adolescentes que estão na mesma série na escola regular. É preciso ter esse olhar diferenciado para estes estudantes,

compreender que eles trazem consigo grande bagagem, que construíram a partir das suas experiências de vida. Nesse sentido, quando o professor, além de ensinante também se coloca na condição de aprendiz, faz toda a diferença para fazer com que os alunos da EJA sintam-se mais acolhidos pela escola, percebam que aquilo que já sabem também é importante e que, partindo de seus conhecimentos acerca do mundo, da vida, poderão fortalecer ainda mais o processo de ensino e aprendizagem.

Por isso a importância de que os professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos estejam sempre sendo capacitados pelo estado ou município em que atuam, recebendo orientações para lidar da melhor forma possível com esta clientela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes da EJA buscam na escola, ao retornarem para ela, recuperar o tempo que perderam ao se evadirem dela. Por isso se faz necessário repensar o modelo de escola que busca atender as necessidades destes estudantes. Por mais que existam conteúdos específicos a serem trabalhados em cada série e em cada disciplina, é importante que perceber o que estes estudantes procuram, quem são, quais fatores contribuem ou dificultam o seu aprendizado na escola.

Não se pode tratar a Educação de Jovens e Adultos da mesma forma que se trata as demais séries da escola regular. Para eliminar os índices de evasão e fracasso escolar, algumas ações devem ser tomadas, dentre elas, pode-se citar como primordial a formação dos professores. O que se percebe é que muitos professores que lecionam na EJA não estão preparados para atuar com o público desta modalidade de ensino, com os adultos.

É necessário, portanto, que haja mais investimentos em cursos de formação continuada para o corpo docente.

Outro fator que contribui para que os alunos se sintam desmotivados se refere à rotatividade da atribuição de aulas, uma vez que são poucos os professores que fazem parte do quadro especializado da EJA. Isso faz com que professores que não possuem especialização para atuar na EJA, assumam as aulas como carga complementar, sendo estes professores habilitados para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental.

Tudo isso contribui para que os alunos sintam-se desmotivados, com aulas que pouco consideram a sua vivência, pois muitos professores atuam com eles do mesmo modo que atuam com seus alunos de ensino fundamental. Assim, os estudantes acabam evadindo da escola ou tendo uma vida escolar fracassada.

É importante que a EJA seja vista como uma modalidade de ensino que possibilita ao adulto que não teve oportunidades de estudar quando criança, a inserção na sociedade, o pleno exercício da cidadania. Para tanto, são necessárias políticas públicas que modifiquem o quadro educacional brasileiro. E, a primeira mudança deve começar na valorização dos professores, oferecendo a eles oportunidades de formação e capacitação continuada e melhores condições de trabalho.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Escola coerente à Escola possível**. São Paulo: Loyola, 1997 (Coleção Educação popular – nº 8)

CAVALCANTE, Meire. O que dá certo na Educação de Jovens e Adultos.. In: **Revista Nova Escola**. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2005. p. 50-57.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 26 ed. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 50-61. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

PAIVA, Vanilda. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

(Estado) Secretaria da Educação. **Educação de Jovens e Adultos: orientações para o professor – ensino médio**. São Paulo: SEE, 2010.

STEPHANOU, Maria, BASTOS, Maria (orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 10. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC, UNESCO, 2006.

VICHESSI, Beatriz; DINIZ, Melissa. Prática adequada. In: **Revista Nova Escola**. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2009. p. 74-82.

IBGE. **Abandono escolar por nível de ensino**. Disponível em <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2341> . Acesso em 04/06/2013

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: HISTÓRIA, PERFIL E REFLEXÕES

Pesquisador Responsável: Yolanda Aparecida de Souza Santana

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ anos R.G. _____

Responsável legal (quando for o caso): _____

R.G. Responsável legal: _____

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Salto, _____ de _____ de 2014

APÊNDICES

APÊNDICE 1- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

1. IDADE:

- ENTRE 15 E 19 ANOS
- ENTRE 20 E 29 ANOS
- ENTRE 30 E 39 ANOS
- ENTRE 40 E 49 ANOS
- ENTRE 50 E 59 ANOS

2. SEXO:

- FEMININO MASCULINO

3. ESTADO CIVIL:

- CASADO (A) SOLTEIRO (A) DIVORCIADO (A)

4. SE POSSUI FILHOS, QUANTOS?

- 1 2 3 4 5 6 MAIS DE SEIS

5. ATUALMENTE VOCÊ ESTÁ:

- TRABALHANDO COM CARTEIRA ASSINADA
- TRABALHANDO SEM CARTEIRA ASSINADA
- DESEMPREGADO

6. SE VOCÊ ESTÁ TRABALHANDO ASSINALE A OPÇÃO QUE MELHOR DEFINE A SUA REMUNERAÇÃO SALARIAL:

- MENOS QUE UM SALÁRIO MÍNIMO
- UM SALÁRIO MÍNIMO
- DOIS SALÁRIOS MÍNIMOS
- TRÊS SALÁRIOS MÍNIMOS
- MAIS DE TRÊS SALÁRIOS MÍNIMOS

7. QUANTAS HORAS SEMANAIS VOCÊ TRABALHA?

- 40 HORAS SEMANAIS
- MAIS DE 40 HORAS SEMANAIS

8. POR QUAIS RAZÕES VOCÊ VOLTOU A ESTUDAR?

9. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA ESCOLA?

10. O QUE VOCÊ NÃO GOSTA NA ESCOLA?

11. O QUE VOCÊ MUDARIA NA ESCOLA?

APÊNDICE 2- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1. IDADE:

- ENTRE 20 E 25 ANOS
- ENTRE 25 E 30 ANOS
- ENTRE 30 E 35 ANOS
- ENTRE 35 E 40 ANOS
- ENTRE 40 E 45 ANOS
- MAIS DE 45 ANOS

2. SEXO:

- FEMININO MASCULINO

3. QUAL A SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA?

4. OCUPA OUTRO CARGO?

- NÃO
- SIM, EM OUTRA ESCOLA DA REDE PARTICULAR
- EM OUTRO MUNICÍPIO
- SIM, NA REDE ESTADUAL

5. QUANTAS HORAS SEMANAIS VOCÊ TRABALHA?

6. QUAIS SÃO OS FATORES QUE MAIS DIFICULTAM A REALIZAÇÃO DO TRABALHO EM SALA DE AULA?

7. COM QUE FREQUÊNCIA REALIZA CURSOS DE CAPACITAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL?

- ANUALMENTE
- COM BASTANTE FREQUÊNCIA
- NÃO REALIZA